

TERCEIRA SECÇÃO

Notas de psychologia e de critica.

— II —

O livro de Bêbê

de *Mansueto Bernardi*

4.^a. edição, (Livraria do Globo, Porto Alegre.)

O artista deve calar, para que a sua obra fale. E' um preceito muito velho, nascido em solo grego, como quasi toda flôr genuina do gosto e da sobriedade. Entretanto alguns pensam que essa norma só foi profundamente obedecida em Shakespeare. E outros ainda se enganam mais, quando a tomam por um achado de Nietzsche, só porque elle a exprimiu com aquella sua palavra, duma belleza quasi arrogante:

„quando a sua obra toma a palavra, o autor deve calar a bocca!“

Neste seu *livro de Bêbê*, o sr. Mansueto Bernardi adoptou uma attitudo singuarissima. Elle não só calou a bocca, senão que fez uma anthologia de primores, colhidos entre as melhores preciosidades da belleza sóbria e do saber claro, singelo e util.

Em nenhum desses trechos está a sua pessoa. Mas é todo pessoal o gostou que lhes orientou o fino arranjo. E' ainda mais feliz e pessoal, não tanto pelo que trouxe para o livro, mas pelo que deixou de trazer, pelo que refugou... E nesse ponto, o acerto scientifico é notavel, e talvez obra do instincto, pois já se refere a pontos de especialidade. Vale a pena dar um exemplo.

Todos sabem que nos tempos actuaes domina um conhecimento mais pratico, e mais positivo das tendencias e do interesse da criança, que remodelam a pedagogica, a educação, e notadamente sob o influxo da psychanalyse.

Ha, a este respeito uma noção que se impoz, e é que *não se deve mentir á criança, nem mesmo no que é sexual.*

E' em geral cousa acceita que se prepara a doença nervosa, e o mau character, quando se responde, por meio de mentiras, á forte e justissima curiosidade infantil. Deante do vivo desejo de saber, formalmente expresso, deve-se-lhe dizer toda a verdade, com uma licção de botanica esboçada, mediante a reproducção das plantas, ou dos animaes, e não com a cegonha que traz no bico a trouxinha; ou com o pé de couve, onde o bêbê foi encontrado, escapando á faca da cozinheira; nem com o embrulhinho, todo reatado em fitas, e achado no fundo do quintal; nem com o cestinho que, numa fria manhã, não se sabe quem veio deixar ali na porta da rua, justamente quando se começou a ouvir o chorinho, que parecia o daquella ninhada dos cachorrinhos da casa...

Ha, entretanto, perguntas infantis que não obrigam á explanação nem dos órgãos, nem das funcções reproductivas. E' a primeira vaga pergunta, — indecisa associação, passageira analogia: «como é que veio o Bêbê? eu não vim assim? Donde sahiu?»

Pode-se, neste caso evitar a mentira prejudicial. Recorra-se á imagem que repousa numa verdade objectiva, não a definindo além da justa medida, mas dando-lhe a magia do carinho, o toque divino da graça, o sopro creador do genio, ou o brilho fino do labor artistico.

Foi o que fez Mansueto Bernardi, no seu *livro de Bêbê*, escolhendo as ideas de Ellick Morn, e sobretudo as „*intimidades*“ de Maria Eugenia Celso, para traducção de affectos orientados pelo pensamento, e que hão de ajudar a adivinhar as respostas.

E, como dois modelos da mais primitiva resposta, sem mentira réles, quando a criança faz a primeira pergunta, automatizada, entre o enlevo dos brinquedos, não poderia Mansueto ter achado nada melhor, na literatura universal, do que o

„nascera“, de Tagore, e o „dialogo muito importante“, de Maria Carmichael Stopes.

A hygiene, a puericultura, os primordios da educação, os primeiros lampejos da licção moral, tudo, enfim, está, neste livro, condensado pela mão instinctiva do artista, evidentemente costumada a exprimir o bello com a simples nuança subtil duma linha, ou pelo o culto natural dum affecto.

Agosto, 1930.

Martim Gomes.

Algumas ideias sobre a cultura physica e moral do brasileiro. (Eugenia brasilica)

por Martim Gomes

(Medico, professor da Faculdade de Medicina, commercio, e agricultor.)

I

Anda actualmente por todo o mundo uma febre de eugenia, isto é, de aperfeiçoamento das raças. E' uma ideia muito clara nos seus objectivos. Mas muito vaga, nos meios a que se arrima. Creio que por isso mesmo ella empolga e allicia os theoricos; mas afugenta os homens praticos, e não captiva nunca bem cordealmente os homens de acção.

Deus me perdoe, e perdoem-me tambem os collegas competentes, a quem devo a lealdade da franqueza: mas, o que me tem sido dado ver, e examinar, não me parece que tenha sido sempre prodigiosamente exequivel, nem adaptado ao nosso paiz, como ideias de importação.

Sem duvida, emquanto ideias, isto é, emquanto abstracção e theoria, em si, taes attitudes não direi que estão erradas ou muito discutiveis.

Eu me refiro á serventia que terá para o sertão e a cidade brasileira um projecto de lei inaugurado para a Russia, para a França, a Belgica, ou Nova York.

Porque a primeira impressão que ás vezes dá essa inspiração do modelo estrangeiro é a de uma creação «irregular e ficticia.»

E' tão irregular e ficticio como receitar aqui, em Porto Alegre, *Uva Ursi*, que o doente vai comprar, ou foi já, a uma pharmacia, que a mandou vir da Europa e está pouco segura de que a droga ainda valha alguma cousa. Indo á botica,

o doente passa pelo nosso abacateiro, e, ás vezes, ainda pára de tomar o seu matê, que lhe era uma bebida habitual...

E' tão irregular como fazer o auscultando dizer „trinta-e-tres“, para ter a vibração do thorax; — *trintirês*, — um som sem a vibração do *a*, só porque o livro de estudos traz o 33 em francez, que dá o som de *a* reforçado com o *r*, e batido com o *t*, *trantród*!...

Milhares de cabeças, pesadas de sciencia, durante annos, mandavam o doente dizer *trintitrês*, sem saber que isso é que constitue o verdadeiro gallicismo torpe, o gallicismo inconsciente da acção, em vez do inoffensivo barbarismo de palavras...

Deixem-me contar como se me attrahiu a attenção para esta qualidade do «irregular e ficticio», relatando uma anedota.

* * *

Certa vez, ha muitos annos, descia eu, mais meu sogro, pela rua de Bragança. Recem-chegado do Rio, onde convivera com seus amigos Victorino Monteiro e Pinheiro Machado, vinha elle contando-me as cousas curiosas que tinha visto pelo norte: aqui um medico, em plena capital, empregado em examinar as carnes nos matadouros, e a refugar a tuberculosa e outras inconveniencias; ali, um alto personagem, cada vez mais aureolado no prestigio politico, a dizer da economia.

Este, em rodas, para as quaes o facto não era novidade, fazia as suas contas e declarava gastar *seis* por mez, e, destes seis, ainda lhe sobrarem *oito* para economizar, apesar de não ganhar mais que *cinco*... Tudo milagres administrativos.

Aquelle, o funcionario da hygiene, estava examinando as carnes, mal acabára a matança.

— Mas, quando o sr. acha, nesse monte todo, uns bofes ptysicos, como é que o sr. vae saber qual é a carne que era da mesma rez que elles? O sr., indo olhar lá nas carnes já misturadas, não poderá dizer qual é.

A esta pergunta do criador riograndense respondeu o representante da sciencia universal, do governo brasilico, e da administração carioca:

— Ah! minha função é separar os pedaços doentes aqui...

— Então as carnes doentes o sr. manda para o mercado?